

# CANTOS E ENCANTOS: TECENDO ENCONTROS ÀS NARRATIVAS COM IMAGENS E SONS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO<sup>1</sup>

■ MARCELO FERREIRA MACHADO

 <https://orcid.org/0000-0001-7845-7340>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

■ MARISTELA CERDEIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-1588-0149>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

■ IZADORA AGUEDA

 <https://orcid.org/0000-0003-4029-2207>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

■ FERNANDA CAVALCANTI DE MELLO

 <https://orcid.org/0000-0003-1593-1329>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## RESUMO

Este artigo tem por interesse apresentar os caminhos e as caminhadas pelas muitas ruas, vias e vielas da vida e que nos conduzem aos variados lugares da/pela cidade do Rio de Janeiro. Cercada por linda natureza, vislumbramos uma cidade que é formada, deformada e transformada pelos tantos '*praticantespensantes*' que encontraram no morro e no asfalto uma possibilidade de seguir criando múltiplos '*conhecimentossignificações*'. Ao considerar a cidade como o '*espaçotempo*' de '*fazersentirpensar*' nas muitas formas e modos de vida existentes, entendemos o Rio de Janeiro, com os seus cantos e encantos, como tessitura de vivências, um terreno fértil de saberes, culturas e possibilidades de criação e partilha de conhecimentos. Dessa forma, este texto é um convite a percorrer alguns '*espaçostempos*' que nos conduzem a um sentimento de ser e estar com/na cidade. Queremos propor que caminhem conosco num (re)conhecimento e numa identificação, ou não, pela

<sup>1</sup> Esta pesquisa conta com o financiamento da CAPES a partir de bolsas para a manutenção do doutoramento de duas pesquisadoras envolvidas.

música, pelos versos das muitas poéticas que se articulam com as vivências das ruas, com as imagens e narrativas visibilizadas nesses passos. Os resultados dessas caminhadas estão nas belezas dos versos, das prosas, das artes, dos encantamentos, nos encontros desse caminhar por essa pretensa cidade maravilhosa.

**Palavras-chave:** Cidade. Rio de Janeiro. Narrativas. Encontros. Caminhadas.

## ABSTRACT

### SONGS AND CHARMS: WEAVING TOGETHER NARRATIVES WITH IMAGES AND SOUNDS OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO

The purpose of this article is to present the paths and walks through the many streets, lanes and alleys of life that lead us to the various places in/around the city of Rio de Janeiro. Surrounded by beautiful nature, we glimpse a city that is formed, deformed and transformed by so many 'thinking practitioners' who have found in the hills and asphalt a possibility to continue creating multiple 'knowledge-significations'. By considering the city as a 'space-time' for 'making sense of thinking' about the many forms and ways of life that exist, we understand Rio de Janeiro, with its corners and charms, as a fabric of experiences, a fertile ground of knowledge, cultures and possibilities for creating and sharing knowledge. In this way, this text is an invitation to walk through some 'spaces-times' that lead us to a feeling of being with/in the city. We want to propose that you walk with us in a (re)knowledge and identification, or not, through the music, the verses of the many poetics that are articulated with the experiences of the streets, with the images and narratives made visible in these steps. The results of these walks are in the beauty of the verses, the prose, the art, the enchantment, and the encounters of this walk through this so-called marvelous city.

**Keywords:** City. Rio de Janeiro. Narratives. Encounters. Walks.

## RESUMEN

### CANTOS Y ENCANTOS: TEJIENDO ENCUENTROS A LAS NARRATIVAS A TRAVÉS DE IMÁGENES Y SONIDOS DE LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO

El propósito de este artículo es presentar los caminos y paseos por las muchas calles, callejuelas y callejones de la vida que nos llevan a los diversos lugares en/alrededor de la ciu-

dad de Río de Janeiro. Rodeados de uma hermosa naturaleza, vislumbramos una ciudad formada, deformada y transformada por tantos ‘practicantes pensantes’ que han encontrado en las colinas y el asfalto una posibilidad de seguir creando múltiples ‘saberes-significados’. Al considerar la ciudad como un “espacio-tiempo” para “dar sentido al pensamiento” sobre las múltiples formas y modos de vida existentes, entendemos Río de Janeiro, con sus rincones y encantos, como un tejido de experiencias, un terreno f ertil de saberes, culturas y posibilidades de crear y compartir conocimiento. De esta forma, este texto es una invitación a caminar por algunos “espacios-tiempos” que nos llevan a un sentimiento de estar con/en la ciudad. Quere- mos proponerte que camines con nosotros en un (re)conoci- miento e identificación, o no, a través de la música, de los ver- sos de las muchas poéticas que se articulan con las vivencias de las calles, con las imágenes y narrativas visibilizadas en es- tos pasos. Los resultados de estos paseos se encuentran en la belleza de los versos, de la prosa, del arte, del encanto, en los encuentros de este paseo por la llamada ciudad maravillosa.

**Palabras clave:** Ciudad. Rio de Janeiro. Narrativas. Encuentros. Caminatas.

“Eu vim de l ,  
eu vim de l ,  
pequeninho...  
mas eu vim de l ,  
pequeninho...  
alguém me avisou  
pra pisar nesse chão bem devagarinho...”

(Dona Ivone Lara)

## Traçando linhas pela cidade...

Como já bem disse Dona Ivone Lara, todo mundo vem e vai para algum lugar... Muitos são aqueles que se aventuram nessa jornada de movimentos pelos diferentes cantos des- se planeta.   justamente nessas intera es culturais e vivências que buscamos retratar a composi o das cidades, formadas por gentes de todos os tipos e de todos os cantos. A sua maneira, cada um passa a se esconder atrás de seus arranha-céus e camadas substanciosas de asfalto muito afeto e (re)existências m lti- plas de sujeitos.

Neste artigo, pensaremos as cidades como ‘*espaçostempos*’<sup>2</sup> de (com)vivência entre mui- tos sujeitos com forma es diferentes, tal

2 As dicotomias foram criadas como necessidade no surgimento das ciências na Modernidade. Hoje, nas pesquisas com os cotidianos, elas significam limites ao que precisamos ‘*fazerpensar*’, com os processos que desenvolvemos. Com isso, decidimos grafar jun- tos, em itálico e com aspas simples os termos que antes eram dicotomizados (ex ‘*pr ticateoria*’), bem como os processos que antes pensávamos como su- cessivos e que sabemos que são concomitantes (ex ‘*verouvirsentirpensar*’), para nos lembrarmos das marcas que temos de nossa forma o em ‘*espaços- tempos*’ de hegemonias diversas.

como um novelo no qual se encontram culturas, hábitos e modos de pensar, agir e existir. A partir dessa pluralidade visível e dizível, buscamos tecer algumas considerações acerca das vivências que nos permitem forjar nossas *personas*, ao mesmo tempo em que formamos as de outros sujeitos, como sublinhado por Alves (2016), já que formamos e somos formados a partir das nossas múltiplas redes educativas. É justamente por isso que tomamos as cidades como um nóculo de convergência de muitos fios, que entrelaçam linhas e estradas de muitos outros lugares, como um lugar de partida e de chegada, de transição e de movimento. Há de se reconhecer também a existência do que não se vê e do que não se ouve. Estão por aí também esses silêncios, pequenos ou berrantes, ao se revelarem/rebelarem em muitas narrativas decifráveis ou ininteligíveis, mas que estão presentes, inscritas aqui e acolá, em lugares escolhidos a dedo para os registros de muitos momentos que, em um conjunto, parecem compor pequenas odes aos lugares. Outras vezes, servem tão somente como pentagramas, suportes das notas, em pautas (musicais e sociais) de muitos tons, sons e ritmos, compassos, modinhas e muitas escalas polifônicas.

Creemos ser interessante lembrar que a modinha brasileira vem do gênero musical, saído da zona rural portuguesa às cidades lusitanas, espalhando-se pela Europa tanto em sua forma erudita quanto popular. Chegou ao Brasil com a corte portuguesa e foi sofrendo também influências de outras brasilidades. Enquanto isso, nos becos da tia Ciata, localizado na pequena África, berço do samba, das invenções cotidianas das resistências – ainda vamos falar sobre ela nestes escritos – há as resistências de outros ritmos que se fazem na polifonia de várias vozes que divergem, convergem, são distintas e se complementam, como a música polifônica.

É a partir desses '*espaçostempos*', das muitas avenidas, ruas, vielas e becos, que vamos fazendo da cidade a nossa personagem conceitual<sup>3</sup> para esta escrita coletiva. Não à toa, será perceptível o toque de muitos tempos, misturando-se em diversas texturas, por meio da polifonia das vozes dos autores, com seus próprios cânticos e com as cantigas de autores, cantores, pintores, artistas, pesquisadores, docentes, '*praticantespensantes*' que nos acompanham. Como sabemos,

Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro - aquele com que se 'conversa' ou, ainda, a quem se precisa responder porque nos coloca questões, ou seja, aquele/aquilo com o qual se pensa. Esses personagens conceituais permanecem presentes, por muito tempo, para que possamos ter e acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos, com os cotidianos. (Alves, 2019, p. 30).

São esses '*fazeressaberes*' tecidos nesse '*espaçotempo*' que nos interessa aqui. Como essas vivências permitidas pelas cidades contribuem nas formações dos sujeitos? Quais implicações cotidianas as cidades desenvolvem nos indivíduos e nos modos de existir coletivos? São algumas das perguntas que nos movem. No Grupo de Pesquisa do qual participamos, entendemos que esses movimentos éticos, estéticos, políticos e poéticos dos cotidianos são necessários nesses caminhos em que circulamos todo o tempo. Como pesquisadores e pesquisadoras com os cotidianos, '*ve-mosouvimosentimospensamos*' as múltiplas formas de criações como artefatos culturais presentes em nossas redes educativas e que,

3 Este conceito é utilizado por Alves, porém, a autoria do mesmo é de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), de quem a autora se apropria para entender que, para além de "fontes", as imagens, narrativas e sons permanecem muito tempo conosco para que se produzam ideias e conceitos.

ao 'usá-los' (Certeau, 2014), acendemos o farol para as múltiplas questões que permeiam o pensar a cidade. Essas redes educativas, nos tantos '*dentrofora*' das escolas que nos rodeiam, fazem com que esses movimentos de criação se tornem únicos e, ao mesmo tempo, se tornem muitos.

Trazemos para essa conversa alguns dos muitos caminhos percorridos até a cidade e pela cidade "compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano" (Certeau, 2014, p. 190). Iniciamos buscando esmiuçar, sem querer estereotipar, tampouco trazer como únicas, algumas das paisagens vividas nos '*espaçotempos*' daqueles que se deslocam para as cidades, pelas estradas que conduzem pessoas cheias de sonhos até a urbe, nos caminhos trilhados por esses sujeitos pelas avenidas, ruas, vielas e guetos da cidade. Alguns sons ressoam intensidades que movem coisas e corpos pela cidade, ampliando seu alcance e relação, constituindo-se enquanto forma que atua na ligação entre as singularidades.

Mesmo em um mundo tão visual, a resistência contemporânea também se dá por meio das narrativas gestuais, auditivas e emotivas, pois, como enfatiza o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa, o eu-sujeito se experimenta "[...] na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim" (Pallasmaa, 2011, p. 38). Barandon LaBelle (2022) também evidencia que a experiência de escutar e ser ouvido pode apresentar um caminho das margens em direção à esperança, à cidadania e à vibração. Conversaremos sobre isso aqui, por meio das nossas andanças, por onde teremos caminhado, com quem vamos e que relações construímos com as pessoas pelo caminho.

Esses caminhos são, no entanto, pontos de partida, uma vez que, o que nos move nessa reflexão são os encontros, entre tantos outros, o que nos faz compor um percurso coletivo, colaborativo, dos caminhantes feito em redes de afetos e afecções que, em um dado momento, de cada uma dessas vidas, se juntam, nos mesmos propósitos. Escutas que nos instigam a ir adiante seguindo as ressonâncias, para nos encontrarmos. Prédios que espelham nossos modos de viver e de fazer a vida acontecer, dia a dia. Ora inscrevendo também nossas trilhas, ora apreciando trilhas compostas por outros, fontes de diferentes tamanhos, cores e feitos, já que "as ruas da cidade do Rio de Janeiro sempre foram terreiros de encontros improváveis" (Simas, 2022, p. 47).

E, nesses encontros, as paisagens que se redefinem, revitalizam, nas práticas dos espaços construídos, narrados e ou imaginados, já que "o poder transformador da rua está na alteridade da fala" (Simas, 2022, p. 47). Nesse movimento, quem passa por muitos desses caminhos nos dias de hoje e vê janelas, portas e telhados, casas e prédios quase pendurados pelos morros, não faz ideia do processo de formação desse local e das transformações pelo qual ele passou. Assim, os transeuntes, que por ventura passarem pelo prédio da Secretaria de Estado de Educação, cuja sede tem sua localização no bairro do Santo Cristo, flagram entre o nascer e o pôr do sol a magnitude de um dos morros mais icônicos da formação da cidade do Rio de Janeiro. O Morro da Previdência, como é conhecido, também se projeta numa espécie de espelho, ou seja, na fachada de vidro de um dos prédios mais modernos da região do Porto Maravilha, área portuária da cidade que foi revitalizada na gestão do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (Gestão 2009-2017) para a Copa do Mundo do ano 2014 e para as Olimpíadas, em 2016.

**Figura 1:** Reflexo de uma favela num prédio moderno, no Rio de Janeiro



**Fonte:** Blog Outra Margem (2021)

Agora, a partir dos caminhos que percorremos até aqui, podemos *'verouvirsentirpensar'* essas nossas tantas vivências. Para esta escrita, nos preparamos e compomos suas linhas e parágrafos com nossos corpos em dança, nos muitos *'espaçostempos'* de contemplação e criação.

## Uma breve caminhada pelo tempo e as transformações do Rio de Janeiro

O poema “No meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, permite-nos construir uma importante reflexão acerca dos obstáculos que enfrentamos em nossos cotidianos. Esse andar pelas e nas cidades, às vezes até meio coreografado, sempre revela os imprevistos, os percalços, as dificuldades. O referido poema, que à época lhe rendeu ao poeta fortes críticas ao fissurar preceitos de uma escola literária estruturada no congelamento da métrica e de temáticas sublimes, retrata as barreiras recorrentes, mas que são sempre vencidas, transpostas, superadas continuamente. Ironicamente, será Olavo Bi-

lac, parnasiano por filiação e detrator indireto das pedras modernas de Drummond, em uma de suas crônicas publicadas no *Gazeta de Notícias*, o responsável por ponderar sobre o quanto o carioca é dado às apostas. Nos tempos de gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906), símbolo do “bota abaixo” da cidade do Rio de Janeiro, Bilac se demonstrou apoiador das ideias da gestão municipal, que se pautaram no movimento higienista e, pragmaticamente, representaram as centenas de construções demolidas, especialmente na área central da cidade, sem que houvesse qualquer indenização desses imóveis para os seus antigos donos. Como é possível inferir, esta ação forçou a população mais pobre, que residia nesses locais, a transferirem suas moradias para as ocupações nos morros da cidade, formando, dentre tantas, a paisagem que hoje é espelhada no prédio moderno da Figura 1. Em um podcast<sup>4</sup> desenvolvido pela artista Monica Klemz e que versa sobre as crônicas de Bilac, a artista contextualiza o processo explicado anteriormente:

<sup>4</sup> Programa de Podcast “Elas em redes” - <https://spotify.link/efNjf9HaSdb>

[...] A zona que abrange a saúde, a Gamboa, a Praia Formosa, entre a orla do mar e os Morros da Conceição, do da previdência [...] região cheia de trapiches, de estaleiros, de depósitos de madeira e carvão de estalagens e de tavernas suspeitas, formiga uma população macilenta e triste. [...] Rio há três anos maltratado e sujo com seus taciturnos jardins murados e sem flores quem agora o vê com as novas avenidas em via de edificação, com jardins viçando, abertos e floridos, com as ruas alargadas, enchendo-se de edificações elegantes, com a variedade de novos tipos de calçamento adotados reconhece sem dificuldade que neste curto espaço de tempo muito mais se fez aqui do que em São Paulo no espaço de tempo três ou quatro vezes maior.[...]olhos humanos não tem memória vivais Os nossos olhos já se não lembram do que era a prainha. A rua Treze de Maio, a rua do Sacramento, a Praia de Botafogo e principalmente do que era a Praça da Glória aquele hediondo mercado, agonia dos meus dias. Pesadelo das minhas noites, tortura e tormento da minha vida. Daqui a pouco tempo, dentro de dois anos, quando a avenida central e a avenida Beira Mar estiverem concluídas, quando Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui também nessa época já nos não lembraremos do que era a nossa vida tediosa e vazia. [...]As velhas casas de entorno ruim demolidas Rasgase ali no coração da cidade um imenso espaço livre para que mais formoso a vulte ao palácio. No alto das cúpulas imponentes agitam seus operários como formigas, completando a toalette do monumento. E a cidade não pensa em outra coisa. Ficará pronto ou não, em julho, o palácio? Ferve a discussão, chocam suas opiniões. Se apostas porque o carioca é um homem que nada faz sem aposta e sem jogo. (ELASEMREDES, ESTILHAÇOS, Ep. 10, 2021)<sup>5</sup>

Em fronteira distinta, o poema drummondiano transcende à poética parnasiana de Bilac, indicando ‘*espaçostempos*’ outros. Enquanto um se despedia, outro nascia, em um

5 Crônica Sonora veiculado no podcast Elas em redes. Monica Klemz recria as crônicas de Olavo Bilac, em sua crônica Rasga-se o coração da Cidade para a sua coluna “Estilhaços”.

Rio de Janeiro que ainda se achava velho e que foi modificado pelas reformas de Pereira Passos. Por volta da década de 60, surge no caminho outra reforma de modernização iniciada no Rio de Janeiro, dessa vez, a partir da intervenção de Carlos Lacerda. Nesse limiar, em que muitos contemporâneos nasceram, nascemos. Conhecida como ‘rodoviarismo’, essas obras de revitalização fizeram mais morros virem por terra, mas outras comunidades recrudesceram, lembrando-nos de que sempre haverá resistências. Muitas pedras no caminho, com abertura de túneis, vias, desmanches e remoções de gente e gente que não se removeu. Como o compositor e sambista Zequetti entoava, “aqui do morro eu não saio não!”.

Os espaços também eram construídos, praticados, como sublinha Certeau (2014), acerca dos nossos gestos do andar pela cidade. Hoje, por exemplo, ocupamos um lugar que resistiu, embora tenha dado lugar a outros passantes, não mais moradores. Nos referimos à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), área no entorno do Maracanã. Esse lugar era um terreno que estava destinado pelo Estado a abrigar um hospital que seria mantido pelo governo Federal. No entanto, a obra ficou inconclusa, apenas uma estrutura no meio de uma grande área e que, a priori, não tinha serventia à população, ocupando o espaço desde a década de 30. Pouco a pouco, o terreno foi sendo ocupado por pessoas de todas as parte, transformando-se na Favela do Esqueleto<sup>6</sup>. Na época da revitalização dessa região, os moradores da favela do Esqueleto foram retirados e realocados em outros bairros, desocupando uma área após outra, a partir das intervenções de Carlos Lacerda, gestor das obras de revitalização do Rio de Janeiro.

Junto com eles, os moradores poderiam levar apenas objetos de uso pessoal para que

6 Acessado em 10/10/20263. < <https://diariodorio.com/historia-da-uerj-e-da-favela-do-esqueleto/> >

não construíssem “novos barracos”. Muitos cidadãos foram transferidos com algum auxílio do Estado, outros tantos não, pois era necessária alguma renda para pagar o aluguel das novas moradias que foram construídas para abrigá-los na zona oeste da cidade e, assim, “as ruas nasceram quando chegaram, numa espécie de diáspora urbana” (Simas, 2022, p. 137). Aos que não podiam pagar por tal mudança de espaço, lhes sobrava ocupar outros morros e a povoar as favelas de outras regiões.

O poder governamental estabeleceu algumas políticas denominadas estratégias, na perspectiva de Certeau (2014), que dificultavam a vida dos moradores da antiga favela do Esqueleto, impossibilitando-os, assim, de voltarem às suas antigas casas. No entanto, esses moradores criaram suas próprias táticas de sobrevivências, uma estratégia que aparece

[...] sempre que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) [...] busca gerir as relações”. Enquanto a tática é a arte dos fracos”. [...] “aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído,

escrito e pré-fabricado onde se movimentam (CERTEAU, 2014, p.91-93).

O terreno em que ficava a favela do Esqueleto permaneceu desocupado por longos anos. Após muita luta, passou a ocupar as instalações do que hoje é a UERJ, um dos centros mais importantes de pesquisa e desenvolvimento técnico e tecnológico e intelectual do país. Herdamos uma universidade que traz consigo um lugar de disputa. Questões sociais estão no cerne dos problemas discutidos pela e na universidade, inclusive a questão da falta de moradia digna para todos e todas as habitantes da cidade do Rio de Janeiro. A própria história da instituição superior é, portanto, marcada por sua luta a favor dessas populações, voltada para as soluções de problemas sociais. Muitas lutas, na sua pele e no seu esqueleto.

As pesquisas com os cotidianos buscam ‘*sentirouvirpensaragir*’ acerca de novos terrenos, mais coloridos, mais sensíveis, mais inclusivos, mais diversificados por onde caminhamos, sem desconsiderar as pedras e as poeiras das nossas lembranças.

**Figura 2:** Antiga favela do Esqueleto, atualmente UERJ



**Fonte:** Diário do Rio (2020).



A universidade ao longo de suas muitas décadas de existência tem sido a morada e a esperança de muitas pessoas que almejam, a partir de todas as possibilidades e oportunidades que a instituição oferece, terem suas vidas transformadas pela e para a educação. O nosso Grupo de Pesquisa, implicado com as necessidades da sociedade em que vivemos, entende as múltiplas redes educativas no *'dentrofora'* da escola como movimento essencial para a criação de *'conhecimentossignificações'* a partir do sensível pela ética, pela poética, pela estética e pela política. Assim, pensar os lugares de onde viemos e os lugares que todas as outras pessoas vieram é estar sensível a essas tantas redes, respeitando os lugares, as pessoas e os seus antecessores. Por isso, *'verouvirsentirpensar'* esses cantos de outra, conhecer nossa história, saber das nossas demandas socioeconômicas, das lutas, das resistências, dos modos de fazer, de resistir e de (re)existir são fundamentais para desenhar sobre um "mapa-rascunho" (Ingold, 2022 p. 118), reavendo as tramas e os enredos. Nesse viés, buscamos narrar a vida, literaturizar e audiovisualizar a ciência, num movimento intrínseco às pesquisas com os cotidianos, como defende Alves (2019). Acreditamos, com isso, que

Contar uma história é relacionar a narrativa, as ocorrências do passado, retraçando um caminho pelo mundo que outros, pegando recursivamente os fios da vida passada, podem seguir no processo de fiar as suas próprias, tendo como compreensão que o fio que está sendo fiado agora e o fio tomado passado são ambos do mesmo novelo. (Ingold, 2022, p.119)

Nesses nossos encontros, convidamos a quem chegar, a participar das nossas caminhadas pelas cidades e pela cidade e, ao nos encontrarmos nesse momento de nossas vidas, que estejamos abertos à escuta, e com os demais sentidos aguçados para que possamos *'verouvirsentirpensar'* coletivamente. Assim, ao

pesquisar com os *'praticantespensantes'* (Oliveira, 2012), tornamo-nos um coletivo na relação *'docentediscente'*, em que o desenvolvimento de *'conhecimentossignificações'* advém desse modo coletivo e colaborativo de fazer pesquisa com os cotidianos. Criamos trilhas, percorremos caminhos já traçados, inventamos novos. Mesmo que sem mapas, uma espécie de cartografia com os sentidos, fiando esses fios, com os pés, as mãos e com o corpo todo, vindos de muitos lugares e de muitos *'espaçostempos'*. Fios que fiam diferentes redes e

[...] que todas essas redes são *'espaçostempos'* de reprodução, transmissão e criação de *'praticasteorias'* que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos. Todos nós, nesses diferentes *'espaçostempos'*, somos *'marcados'* pelas relações que mantemos com muitos outros *'praticantespensantes'* em múltiplos e complexos *'mundos culturais'* (AUGÉ, 1997; ALVES, 2014) que nelas são criados e re-criados. Todas estas redes são, assim, entendidas como de *'praticasteorias'* pois percebemos que nelas são criadas, permanentemente, práticas necessárias e possíveis ao viver cotidiano e intimamente relacionadas à criação de formas de pensamento a que podemos chamar *'teorias'*. (Alves, 2019, p. 115).

Acreditamos que, assim, podemos (trans) mudar caminhos, significar outros destinos, como cantava Rita Lee a partir de uma versão de *The Beatles*, sobre a possibilidade de mudar e de fazer a mudança:

Tem lugares que me lembram minha vida/  
por onde andei/ as histórias/ os caminhos/  
O destino que eu mudei/  
[...]Desenhos que a vida vai fazendo/  
Desbotam alguns, uns ficam iguais.  
(John Lenom e Paul McCartney)

Nos movemos e também paramos para, com isso, (re)significar nossos tantos caminhos já percorridos e significar os caminhos nos quais estamos percorrendo neste momento, afinal, "o melhor lugar do mundo é aqui e ago-

ra”, tal como entoado pelo imortal da Academia Brasileira de Letras, Gilberto Gil.

## Do encanto do cantar dos pássaros e do cheiro da terra aos cantos das buzinas e vibrações dos batuques

Dos campos, as lembranças vividas de uma vida outra, o perfume da terra úmida revirada pela enxada, toma conta do ar e inebria o sujeito pacato do campo. O momento de revirar a terra é sagrado para o agricultor. É o preparo do berço para a sementeira. Milho, feijão,aipim, verduras e legumes, para um plantio de múltiplas serventias. Serve de subsistência. É o alimento para fartar a mesa. Mas serve também de renda. Aquela renda da família que advém da venda de parte do plantio, vendida na feira e em mercadinhos da cidade. Serão esses os produtos que fartarão outras mesas. Cada hortaliça, cuidadosamente colocada na bancada, alimentará os olhos do cidadão, que, de sacolas cheias, segue para sua casa. O homem do campo, também de sacola cheia, carrega para o seu rincão os insumos que completam sua despensa. Açúcar, sal, produtos de higiene e limpeza comprados com o frescor do seu trabalho na terra fértil. Os meninos crescem brincando na roça, “ouvindo o canto da passarada informando quais as condições meteorológicas do dia. Os pássaros avisavam se ia chover, se ia ter sol ou se o céu ficaria nublado”, (Santos, 2023, p. 6), assim como era na infância de Nêgo Bispo. São muitas as brincadeiras da roça. Mas, os meninos também querem estudar. A pequena escola multisseriada, localizada a muitos quilômetros de casa, não pode mais ensinar os meninos. Então, é preciso pôr as miudezas nas malas e pegar a estrada rumo à cidade, levando consigo a meninice do campo. A cidade adulta espera o novo morador para vivenciar outros tempos.

O frescor de terra úmida e sorriso de canto de boca pela terra fértil, como sabemos, não representam as lembranças de todos. O prato cheio, a mesa farta e a despensa completa não são roteiro de vida de muitos agricultores, sertanejos, homens do campo. Nos muitos cantos, o perfume é de terra seca, esturricada pelo sol que vem todos os dias para cada um. O canto é embalado pelo som da enxada raspando a aridez, o cheiro do pó se alastra léguas sem fim. Nada brota. A semente míngua. O verdejante dos sonhos se materializa num pouco de palha fina que recobre a terra rachada. Não é mais possível viver num lugar assim. Fugindo da seca, num horizonte sem fim, as situações que se vivencia no percurso lembram a todo momento o porquê de estarem na estrada. Nos desvios do caminho, os retirantes “tinham deixado os caminhos cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (Ramos, 2019, p. 13).

Migrar para a cidade é um caminho para seguir a vida. Novas terras, experiências únicas, outras alternativas, um outro rumo para a vida. Nada na cidade lembra a vida do campo. Nem o sol, nem o vento, nem as horas passam ao mesmo tempo. Tudo na cidade é novo. Mesmo assim, as lembranças antigas da vida no campo estão presentes a cada amanhecer no preparo do café. O homem do campo levou para a cidade as lembranças das suas origens, trazendo consigo, no chinelo e na memória, a terra que lhe moldou a alma. Na nova morada, um descobrir uma nova cidade. As ruas conduzem. E, no Rio de Janeiro, as ruas ensinam, mostram novos caminhos, possibilitam encontros, pois “[...] sempre foram terreiros de encontros improváveis” (Simas, 2022, p. 47).

Desses encontros, já na chegada da cidade, o primeiro contato com o possível novo vizinho na entrada da vila, da comunidade, do bairro. O novo morador está à procura de uma

nova morada. Quem chega à cidade do Rio de Janeiro, mesmo que não seja de terras tão distantes, por vezes do próprio estado, nem sempre percebe que o direito à cidade, por vezes está em pequenos redutos de gente que faz daquele lugar um *'espaçotempo'* de um novo momento na vida. No tecer de uma história outra, a bagagem cheia de um enredo iniciado em tempos passados, essas pessoas vislumbram a possibilidade de se fazer valer do seu papel de cidadão na cidade, colocando em prática sua cidadania, uma vez que “[...] exerce seu direito a ter direitos, ativa e democraticamente, o que significa exercer seu direito de, inclusive, criar novos direitos e ampliar outros” (Cavalcanti, 2008, p. 85). Os cidadãos, cada qual em seu compasso, pelos passos vão, como observa Certeau (2014), narrando pelos gestos, as histórias de si e dos lugares, criando espaços, na medida em que caminham, em que *'praticam-pensam'* esta nova cidade.

Os tantos lugares e oportunidades que a cidade nos traz, em suas múltiplas possibilidades de interação, são *'espaçotempos'* de formação da identidade, tanto individual quanto coletiva, dos sujeitos que nela habitam. Esse formação/reformulação de identidade se dá, especialmente, quando esses cidadãos, de origens tão distintas, com suas culturas latentes, vertendo pela pele, querem preservá-las, inseri-las, uni-las e conectá-las com as novas culturas encontradas nesta metrópole. Vale destacar que o Brasil, um país de dimensões continentais, abriga em suas terras diversas culturas, como as indígenas, a afro-brasileira, a quilombola, entre outras, que sofreram com a tentativa de apagamento das suas presenças, além de outras tantas que, nessas terras férteis, encontraram pouso para o plantio das suas vidas, como a italiana, a germânica, a ucraniana etc. Essas culturas, que trazem muitas heranças ao longo de todo caminhar, precisam existir para que esse processo de valorização aconteça.

Significar as vivências e o reconhecimento do seu próprio espaço é essencial para que os *'praticantes-pensantes'* levem em consideração essas tantas culturas para criar, produzir e inventar *'conhecimentossignificações'*, nos seus cotidianos de vivências da/na/com a cidade, pois “a cultura é o território da beleza, da sofisticação do encontro entre as gentes” (Simas, 2022, p. 35).

Por meio das muitas culturas que constituem a cidade, é possível explorar diferentes perspectivas, como questionar normas estabelecidas e, em certa medida, promover sempre mais transformações sociais. Nesse contexto, dentre muitas possibilidades, as cores das manifestações artísticas, com suas marcas nas paredes, nos postes, no chão da cidade, tornam-se cada vez mais relevantes, pois é nas ruas que as artes encontram seu espaço e impactam a vida cotidiana das pessoas. Dito de outra maneira, “somos esse acúmulo de ações e acontecimentos culturais cotidianos, insignificantes, mas formadores necessários” (Alves, 2003, p. 62). A cidade do Rio de Janeiro é uma cidade de tantos ritmos e

movimentos trazidos pelas vivências nas cidades, das casas, bares, jogos de pé descalço nas ruas, o balançar das pipas, das danças virtualmente popularizadas em aplicativos de celular; das artes que performam as periferias através dos passinhos de funk, pagode sofrência ou do charme do viaduto de Madureira no Rio de Janeiro; dos cortes de cabelo com ziguezagues, rostos, nomes; das unhas de fibra que lotam salões para abafar nos bailes; dos cílios alongados e cabelos chapados, molhados, ou com pente garfo; culturas, que chegam através de existir em becos íngremes, com inúmeros degraus de escada, de porta a porta, que acorda cedo e dorme tarde (Conceição, Cerdeira, Castro, 2023, p. 4).

Dentre tantos ritmos, o samba é a nossa trilha na escrita deste texto de memórias nossas e de outros, criados e chegados no Rio de

Janeiro, junto com as edificações novas e os escombros na cidade antiga, *'espaçotempos'* dos nossos encontros de vida, que se unem a outras pontas de andanças, mudanças que nos trouxeram aqui. E é com essas sinfonia que as coreografias passam a se apresentar nos embalos do Rio antigo. Valorizar as culturas locais possibilita que os *'praticantespensantes'* da cidade sintam-se representados e respeitados em sua singularidade, além de promover a formação de uma consciência crítica sobre a diversidade cultural do país. Assim,

Ao experimentar a arte, ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos. (Pallasmaa, 2011: 11)

Nesse viés, tal ação, auxilia para a formação de uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e igualitária. A cidade enquanto espaço de arte se fundamenta, portanto, como *'espaçotempo'* vivo, pulsante e repleto de possibilidades. Afinal, somos movidos pela imaginação e pela criação. Produzimos uma imagem da cidade a partir das vivências do caminhar por suas ruas e vielas, reverenciadas por seus aromas, sabores, cores, sons, imagens e ritos. Entre tantos encantos, cores, sons e cantos, passamos a nos perguntar a respeito de quantos são os contos, quantas histórias sussurram, pelas paredes dos casarões que nos abraçam enquanto caminhamos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

As narrativas da cidade nos acompanham com as suas muitas marcas. Caminhamos e vamos mapeando a cidade embalados pelos afetos que surgem na memória. Memórias nossas, vividas e experienciadas por nós. Mas, também, pelas memórias gravadas, marcadas nas paredes, nas escadarias e fachadas. Para muitos, a afetividade que emerge das narrati-

vas se dá de maneira tão intensa que é como se estivéssemos vivido ali, em tempos passados, mesmo que estejamos passando por lugares até então desconhecidos. A memória nos provoca anseios, pensamentos de outros lugares, lembranças do desconhecido que se ouviu falar, que tenha sido visto pela televisão ou, ainda que tenha sido produto do conversado.

A cidade do Rio do Janeiro tem em seus vincos muitas histórias, fazendo-se enquanto palimpsesto: cidade do império, berço da república, confluência da mistura entre os povos de muitas culturas. Essas culturas, hoje, se atravessam e se apresentam na cidade de diferentes maneiras. Percebemos cada uma delas nos nossos percursos e vivências na/da cidade. São muitos os povos que, de alguma maneira, marcam a sua presença, nessa que é conhecida e vendida como selo turístico, a pretensa cidade maravilhosa.

Todos esses povos chegaram nessas terras em distintas condições. Alguns esperançosos com a possibilidade de vida nova. Uns conformados com os caminhos que a vida lhes ofereceu. Já outros, desesperados, desamparados, forçados a estarem aqui. Escravizados e vendidos como mercadoria, os tantos povos africanos que foram trazidos para o Brasil seguem as suas lutas. Antes, a luta era pela liberdade, pelo direito de (re)existir. Hoje, essas lutas, que estão vinculadas nos *'espaçotempos'* no Rio antigo, lutam para terem suas culturas, religiões e ancestralidades respeitadas e preservadas. Lutam pelo lugar e pelo espaço cujos contextos de nossas ações contribuem para o nosso senso de identidade. Não somos seres passivos no desenvolvimento dos *'espaçotempos'* das cidades. As experiências pelos caminhos das cidades, principalmente, nesses caminhos de muitas narrativas inscritas em diferentes *'espaçotempos'*, por muitos pés e mãos desbrava-

dos, nos aviva, nos religa ao senso de pertença e de identidade com o lugar. Um lugar que se torna um espaço de todos, quando todos aí podem acessar. Acessar memórias, acessar histórias, acessar criações e resistências e acessar a cidade. Transitar pela cidade é fazer pontes entre o lugar (de cada qual) aos espaços, aos deslocamentos e aos direitos de ir e vir e de ser respeitados a partir desses elos de afeto.

Ocupar a cidade, percorrer por suas avenidas, ruas, vielas e becos, perceber-se nela e constituí-la a partir desses elos afetivos, praticados pelos encontros, são oportunidades de criar destinos outros, ou sonhos outros, cada vez mais possibilitados pelos nossos próprios querer e fazeres, haja vista que o “caminhante, transforma em outra coisa cada significante espacial” (Certeau, 2014, p. 178). Foram nesses passos, um após o outros, que a Pequena África no Rio de Janeiro existiu e (re) existe. Ainda há muita poeira para se levantar no arrastar dos pés, no ritmo do samba, em nossas relações que se afirmam em novos encontros.

## As ruas da cidade como ‘espaço-tempo’ de sala de aula: vivências no Rio antigo

*A rua incorpora outros sentidos, encarna uma alma própria, traquina e sem amarras morais. A musculatura da rua, tensa, enrijecida, vigiada, escapa para reformatizar as invenções nas frestas, modos esses enunciados a partir de outros arranjos, só possíveis na ginga, no riso, no drible, no andar de viés. A rua mirada a partir da lógica dos que a praticam revela as contradições, ambivalências, negociações, jogos, como também a fragilidade das ambições dos que tentam transformá-la em algo único. (Luiz Rufino, 2019, p. 113).*

As ruas e as suas muitas derivações – avenidas, vielas, ruelas, becos – são ‘espaço-tempo-

pos’ de potência de criações e força de (re) existência no movimento de subversão das lógicas existentes impostas para uma cidade. Como nos ensina Certeau (2014), o espaço é um lugar praticado, “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em ‘espaço’ pelos pedestres” (Certeau, 2014, p. 184). Certamente, esse movimento se dá em nossas tantas vivências pelas diferentes conexões de experiências em redes em diferentes ‘espaço-tempos’ do viver cotidianamente. Reparem que até em cidades projetadas, como Belo Horizonte ou Brasília, as cidades não se mantiveram dentro dos planos: elas transbordaram, abriram novos caminhos e ruas, quiçá, então, em cidades como o Rio de Janeiro, que, desde a sua estruturação, se embrenha entre os morros e as praias.

A cidade tem vida própria. Costumamos brincar que tem alma. Tem a história dos acontecimentos de lutas e festas, especialmente quando “a terra batida dos terreiros, o asfalto da avenida, seriam ocupados por sons onde corpo, memória e música se entrelaçariam como as linhas do richelieu” (Baptista, 2019, p. 162) e de todas as vidas existentes que nos antecederam. E, ainda, a energia daqueles que virão. Os ‘conhecimentos significações’ possibilitados pelas cidades engendram muitos movimentos de formação dos sujeitos. As camadas de paisagens visuais e sonoras revelam os ‘usos’ praticados nas cidades. Em agosto de 2022, junto ao Instituto Pretos Novos (IPN), localizado na rua Pedro Ernesto, no bairro da Gamboa, no centro histórico do Rio de Janeiro, percorremos o caminho, com um grupo de alunos, o circuito da Pequena África e Herança da Memória dos Africanos Escravizados. O encontro iniciou no Largo do Bafo da Prainha, diante da estátua de Mercedes Baptista, representada a seguir a partir da Figura 3:

**Figura 3** – Início do circuito - Largo Bafo da Prainha



**Fonte:** arquivo pessoal dos autores

Logo no nosso primeiro encontro com o Instrutor do IPN, e com o guia que também é professor da rede pública estadual de ensino da cidade, comentou-se acerca do apagamento da história negra da nossa cidade. Mercedes Baptista, a estátua retratada na foto, foi a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em suma, não havia relação com a vivência daquele largo. Sua estátua era para estar localizada na Praça Cinelândia, cenário onde brilhou em suas apresentações, local onde iria ser instalada a princípio. No entanto, as forças políticas a afastam do seu lugar de direito como forma de apagar sua história, pois, por vezes, “a rua e suas derivações inscritas nos ideais coloniais de civilidade do ocidente europeu, padece do assombramento do expurgo, da assepsia, do embelezamento, da ordem, da higienização, da formalidade, da repressão, e das ausências” (Rufino, 2019,

p. 113). Hoje, a estátua da bailarina Mercedes Baptista, abrilhanta o centro do Largo do Bafo da Prainha, fazendo-nos dançar pela leveza dos seus passos. Mas é importante frisar, e não podemos nos esquecer, que não seria ali o seu lugar de direito.

As artes, aqui representada pela estátua, deixam as suas marcas na cidade. Assim, ao propor para os alunos uma caminhada pela cidade, estamos proporcionando a esses ‘*praticantespensantes*’ da cidade a oportunidade de desenvolver a criticidade, a criatividade, a sensibilidade e a capacidade de se expressar de forma autêntica diante da arte e da cidade. Outrossim, estamos propondo que eles se tornem agentes de transformação da sociedade como um todo, pois “[...] a arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras” (Deleuze; Guattari, 2007, p. 208).

Conversamos acerca da paisagem que preserva a estética dos séculos passados, emoldurando histórias difíceis, mas que não podem ser esquecidas. Os movimentos de resistência e o patrimônio imaterial e material da cidade, a relevância de se conhecer e de ocupar a cidade, ainda mais por estudantes que moram a cerca de 40 quilômetros de distância do centro do Rio de Janeiro. Muitos, inclusive, que nunca tinham ido ao centro da cidade e conhecido essa região.

Caminhamos rumo ao morro da Conceição, subimos e descemos as ladeiras, conhecemos as casas, os cotidianos, as vielas escondidas, as igrejas, escutamos relatos das vivências do passado, onde, “no varal, a anágua bordada prenunciava que o som dos tambores traria à cidade a indissociabilidade entre música e memória” (Baptista, 2019, p. 162), e as suas implicações na atualidade. Observamos de longe o morro da Providência, conhecemos a história de sua formação, por ser considerada a primeira favela da cidade do Rio de Janeiro, com os primeiros moradores que sobreviveram

à Guerra de Canudos, no final do século XIX, quando voltaram da Bahia.

Nessas conversas, cercadas por distintas paisagens, percebemos a cidade como ‘*espaçotempo*’ de formação, pois “a história do Rio de Janeiro tramada no cotidiano das ruas, esquinas, becos e terreiros é interrompida na urdidura incansável feita por vivos e mortos” (Baptista, 2019, p. 164). Assim, temos possibilidade de (re)invenção ao conhecermos a história de nossos antepassados, suas lutas e seus movimentos pela ocupação e apropriação dos territórios. Como nos inspira em seus escritos, a professora Inês Oliveira (2012) enfatiza que a riqueza das pesquisas com os cotidianos está justamente em captar as artes de fazer dos ‘*praticantespensantes*’ – não só nas escolas – mas em tantos cotidianos, ‘*dentrofora*’ das escolas. Vale lembrar que

Estas “artes de fazer” dos praticantes, os usos e as táticas que desenvolvem cotidianamente são inscritas e delimitadas pelas redes de relação de forças entre o forte e o fraco que definem as circunstâncias das quais podem aproveitar-se para empreender suas “ações” (Oliveira, 2012, p. 37).

**Figura 4** - Vista do Morro da Conceição – ao fundo o morro da Providência



**Fonte:** arquivos pessoais dos autores

As riquezas *'aprendidasensinadas'* neste nosso percurso de saberes, sabores, cheiros, sorrisos e dores, durante a caminhada, estão evidenciadas a seguir, em algumas fotografias que marcam, em seus registros, a potência desse dia, fazendo-se enquanto passeio, aula, fruição e deleite, em um *'espaçotempo'* de resgate, reconhecimento e valorização de uma cultura marcada nas casas, nas paredes, nas escadarias das ruas da Pequena África. Assim, "eis a rua, suas antidisciplinas, seus saberes desobedientes, caminhantes, errantes, abusados" (Rufino, 2019, p. 112).

Nossa caminhada pela pequena África ainda nos levou à Pedra do Sal, lugar que, durante o dia, tem paz e serenidade, além de muitas figuras importantes nos movimentos negros pintadas pelas paredes, como Tia Ciata, Tia Lúcia, Zumbi dos Palmares, Heitor dos Prazeres, capoeiristas, mães baianas, Zé Pelintra. Figuras que testemunham, durante a noites dos finais de semana e das segundas-feiras, a estética e poética de um lugar que se transforma e se transforma em cenário de luzes e vozes de jovens e adultos que procuram se divertir. Aludimos, aqui, ao tradicional samba de raiz da Pedra do Sal, que atrai cariocas e fluminenses de todos os lugares e muitos turistas do Brasil e do mundo inteiro.

As camadas das paisagens sonoras que se formam são múltiplas: o samba de raiz é a vedete principal da noite, mas, nas horas vagas, se mistura ao charme, ao funk antigo, à MPB e as muitas outras sonoridades. Atualmente, o samba da Pedra do Sal funciona como um encontro da diversidade, de ritmos sonoros e muita democracia dos participantes, que buscam um resgate ao passado com um toque de modernidade e progressismo, já que

Nos sambas vivem saberes que circulam; formas de apropriação de mundos; construção de

identidades comunitárias dos que tiveram seus laços associativos quebrados pela escravidão; hábitos cotidianos; jeitos de comer, beber, vestir, enterrar os mortos, amar matar, celebrar os deuses e louvar os ancestrais. (Simas, 2019, p. 114)

**Figura 5** - Tia Lúcia / Muro no Largo da Prainha



**Fonte:** arquivos pessoais dos autores

Uma verdadeira galeria de arte para o apreciação de todos, muita resistência e também renda para famílias que moram ao redor. O local possui alguns bares, mas chama atenção o grande números de "camelôs" e barraquinhas de *drinks* e bebidas diversas, além de uma culinária de rua. Passa a ser interessante pensar que, para além do cultural e social, também estamos incentivando a economia, a sobrevivência de muitas famílias e gerando renda para uma área que já foi mais marginalizada e esquecida pelos poderes públicos.



**Figura 6** – Mestre-Sala e Porta Bandeira



Fonte: arquivos pessoais dos autores

Nossa caminhada termina no Cais do Valongo, lugar recém-descoberto a partir das escavações para as obras de revitalização da região do porto para a Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas do Rio, que aconteceram em 2016. Encontraram quase intacto, soterrado pelas reformas paisagísticas de Pereira Passos no início do século XX, os locais onde acorrentavam e vendiam os escravizados, lugar de tortura, dor e sofrimento, que nos possibilita refletir acerca de todo o racismo que ainda vivemos. Nunca podemos nos esquecer desse fato cruel de nossa história e das dolorosas consequências até os dias atuais. Uma imersão ao passado com projeções futuras de dias melhores.

Relembramos que a escola de samba Portela, no Carnaval de 2014, trouxe para a avenida um enredo em exaltação à memória negra a

**Figura 7** - Subida do Morro da Conceição



Fonte: arquivos pessoais dos autores

partir da descoberta do Cais do Valongo e toda sua importância e representatividade para a cidade do Rio. A africanidade está presente em cada canto dessa cidade, mesmo que, em muitos casos, as soluções políticas sejam tomadas pensando no apagamento e esquecimento dessa historicidade. Abaixo, um trecho do samba-enredo entoado na Marquês de Sapucaí:

*O canto do cais do Valongo ôôôôôôôô  
Que veio de Angola, Benin e do Congo  
Tem semba, capoeira e oração  
O Rio sai da roda de jongo e vai desaguar  
Na glória de São Sebastião*  
(Portela, 2014).

O percurso da aula a céu aberto termina com os estudantes conhecendo a sede do IPN e consolidando todas as nuances existentes

no trajeto. A cidade e suas paisagens, visuais e sonoras, também ensinam. A chegada ao pequeno museu traz algumas obras com ensinamentos dos antepassados que foram escravizados, como as plantas e suas utilidades para fins medicinais e terapêuticos.

No museu, ainda encontramos uma escavação que mostrava onde os escravizados eram colocados quando resistiam aos castigos físicos e mentais. Algumas frases de pensadores negros contemporâneos, como Maria Carolina de Jesus e Heitor dos Prazeres, recobrem as paredes da sede. Além disso, ganham também destaque diferentes obras de arte, retratando os Orixás, as culturas e os signos do continente africano. Memória viva. Banho de afetividade por tantos elementos importantes nessa conexão que dura mais de quinhentos anos.

**Figura 8** - Fotos do museu IPN



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Com tudo isso, nesse caminho de ‘verou-virsentirpensar’, a cidade, pelas marcas da sua história vincadas nas suas paredes, escadarias,

postes e calçadas, “[...] cria imagens e emoções que são tão verdadeiras como os encontros presentes de nossas vidas” (Pallasmaa, 2013,

p. 136). A cidade faz-se enquanto verdadeiro laboratório da história e da arte, palco desse ‘*ensinoaprendizagem*’, onde os ‘*praticantes-pensantes*’ podem explorar diferentes ‘*espaçotempos*’ e manifestações culturais, tendo a oportunidade de vivenciar experiências sensoriais, estéticas, poéticas e políticas que estimulam a criatividade e a sensibilidade.

## Uma breve parada, mas sem a intenção de parar de caminhar

Esses movimentos caminhantes nos atravessam o tempo todo, nos oferecem possibilidades de ver as cidades e suas infinitas criações cotidianas repletas de ‘*conhecimentossignificações*’. Compreendemos que esses ‘*espaçotempos*’ são formados pelos encontros de múltiplas culturas, convergindo modos de existências que caminham de diferentes sentidos, incitando a criação de ‘*conhecimentossignificações*’. A cidade é acontecimento, tem sua própria vida, sua própria história e, assim, vai atravessando os indivíduos por dentro dela.

Enquanto caminham ‘*praticantespensantes*’ de vários ‘*espaçotempos*’ da cidade, aglutinam suas vivências ao redor de grandes cidades, se movimentam, migram. Experimentam modos múltiplos de conviver em bando e, se também optarem, seguir sozinhos. Muitas vezes com desarranjos, rearranjos, afetos e desafetos. No entanto, é harmoniosamente que buscamos entender esse caos citadino, com elementos que identificam muitos sujeitos e suas tribos. Onde cabe um, cabe um convívio de um bando. Onde cabe um bando, cabe um no seu movimento particular da vida. Sabemos que entender a cidade é um movimento de todos e de tudo, ao mesmo tempo e em muitos lugares. Trazer as poeiras entranhadas em nossos corpos desses tantos lugares por onde estivemos e de que fomos, tornadas matéria nessas linhas escritas de memórias pessoais compõem letras

de vogais e consoantes, estalidos e ranger dos dentes em vozes (corpos) em muitos sons.

As marcas existentes nas cidades, desde os grandes arranha-céus projetados pelos poderes hegemônicos, até os pequenos grafites que resistem na massa cinzenta da cidade, mostram o existir de um ‘*espaçotempo*’ do (com) viver. Do viver com o outro. Com(partilhar) com muitos um lugar de afeto por todos. A cidade é um terreno das incoerências, que acolhe e segrega ao mesmo tempo, que permite muitos participarem da festa e que, ao mesmo tempo, não deixa um bando de gente entrar no seu salão. Assim, é o cotidiano da cidade, um atravessamento de histórias, memórias e de vida acontecendo aqui e agora. São muitos e múltiplos ‘*viveressaberes*’ dos seus ‘*praticantespensantes*’ nos seus tantos ‘*espaçotempos*’.

## Referências

- ALVES, Nilda. A formação com as imagens. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial –p. 235-252, jun. out. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/25509> Acesso em: 10 out. 2023.
- ALVES, Nilda. Possibilidades de ‘uso’ de fotografias nas pesquisas de ‘espaçotempos’ de escolas. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Campinas, v. 3, n. 6, p. 158-176, jul./dez., 2013. (P. 163-164). Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/164> Acesso em: 10 out. 2023.
- ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. S. Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.
- BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Cidade dos Tambores. *Rev. Polis e Psique*; 20 ANOS DO PPGPSI/ UFRGS, 2019: 162 – 170
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papyrus. 2008

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

CONCEICAO, Rafaela Rodrigues da; CERDEIRA, Maristela Petry; CASTRO, Maria Cecília Sousa de. Andarilhar pelos guetos curriculares: éticas, estéticas, poéticas nos 'espaçotempos' das cidades. **Revista Espaço do Currículo**, [S. L.], v. 16, n. 2, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/67277> Acesso em: 10 out. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed. 34, 1995.

DIARIO DO RIO. A História da UERJ e da Favela do Esqueleto. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-da-uerj-e-da-favela-do-esqueleto/> Acessado em: 10 out. 2023.

ELASEMREDES, Coluna Estilhaços. Monica Klemz. Podcast. Ep. 10, Março de 2021

INGOLD, Tim. **Linhas:** uma breve história. Petrópolis. Vozes. 2022.

LABELLE, Brandon. Agência Sônica> Sons e formas emergentes de resistência. Numa ed. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensadospraticados' pelos 'praticantespensantes' dos cotidianos das escolas. In: C. E. Ferrazzo & J. Magalhães Carvalho (Ed.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades.** Petrópolis: DP et Allí. 2012. p. 47-70.

OUTRA MARGEM. Reflexo de uma favela num prédio de luxo no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://outramargem-visor.blogspot.com/2021/03/reflexo-de-uma-favela-num-predio-de.html>. Acessado em: 10 out. 2023.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele.** A arquitetura e os sentidos. 1ª edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

PALLASMAA, Juhani. **As mãos inteligentes** – a sabedoria existencial e corporalizada na Arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas.** 140ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro. Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo. Ubu Editora, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2022.

## Webgrafia

ALGUEM ME AVISOU- Dona Ivone Lara: disponível <<https://www.letras.com/dona-ivone-lara/45561/>>. Acessado em: 10 out. 2023.

Minha Vida, do álbum lançado por Reta Lee "Aqui, Ali, em Qualquer Lugar" em que Rita Lee, interpreta clássicos dos Beatles em Bossa Nova. 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d6tNp34tsxl>>. Acessado em: 10 out. 2023.

Samba Enredo 2014 - Um Rio de Mar a Mar: do Valongo à Glória de São Sebastião.G.R.E.S. Portela (RJ). Disponível em: <<https://www.letras.com/portela-rj/samba-enredo-2014/>>. Acessado em: **10 out. 2023.**

"Tem gente com Fome. Antologia Poética. Solano Trindade. Prefeitura do Rio de Janeiro. Solano Trindade. Antologia Poética. Disponível em: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/texto/tem-gente-com-fome/index.html](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/tem-gente-com-fome/index.html). Acessado em: 10 out. 2023.

Recebido em: 17/10/2023

Revisado em: 12/09/2024

Aprovado em: 18/09/202

Publicado em: 10/10/2024

**Marcelo Ferreira Machado** é doutorando em Educação do ProPEd/UERJ, professor de Geografia na rede privada do Rio de Janeiro e Coordenador Pedagógico na rede estadual do Rio de Janeiro (Seeduc-RJ). Membro do Grupo de pesquisa currículos e cotidianos e redes Educativas e imagens e sons. Bolsista FapeRJ. E-mail: [mar\\_chado@hotmail.com](mailto:mar_chado@hotmail.com)

**Maristela Cerdeira** é doutoranda em Educação pelo Proped/UERJ. Mestra em Educação pelo programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná.

Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade da Região de Joinville. Membro do grupo de pesquisa “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons”. *E-mail:* [maristelacerdeira@gmail.com](mailto:maristelacerdeira@gmail.com)

**Izadora Agueda** é doutoranda em Educação pelo Proped/UERJ. Mestra em Educação pelo Proped/UERJ. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do grupo de pesquisa “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons”. *E-mail:* [izadoraagueda@yahoo.com.br](mailto:izadoraagueda@yahoo.com.br)

**Fernanda Cavalcanti de Mello** é doutora em Educação FFP/UERJ. Mestre em Educação pela UFJF-MG, Especialista em Arte e Educação, pela UNB-DF e Graduada em Comunicação Social pela UFF-RJ. Professora da Educação Básica do Rio de Janeiro e Podcaster. *E-mail:* [diart.fernanda@gmail.com](mailto:diart.fernanda@gmail.com)